Incautas e Trovas

Sonhos d'um Artífice de Letras

Incautas e Trovas

Sonhos d'um Artífice de Letras



Davi Duarte

JD&EG publicações

Copyright © 2015 Davi Duarte
Editora: Jacqueline Durans
Design de Capa e Projeto gráfico : Romildo Gomes
romildo@romadesign.com.br
Revisão: Regina Oliveira
Texto revisado conforme Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
Ilustrações: Lea Moraes
Direção de Arte: Elisa Guerra
1ª edição em setembro de 2015
Incautas e Trovas - Sonhos d'um Artífice de Letras
de Davi Duarte
Rio de Janeiro, JD&EG PUBLICAÇÕES
188 p., 23 cm
ISBN: xxx
CDD: xxx

Impresso no Brasil
2015

e-mail do autor: profdaviduarte@hotmail.com

JD&EG PUBLICAÇÕES
Rio de Janeiro | RJ
e-mail: jdeeg.editora@gmail.com

Sumário

Livro VI



Um livro não nasce sozinho. Por uma só pessoa ou autor.
O poeta é um escrivão da vida. Apenas uma testemunha da aventura humana diante de seus olhos.
Perpetuador da essência da alma onde muitos são os que o ajudaram na compilação das notas da grande ópera.
Assim, das miríades que por aqui passeiam identificadas nas resmas de singelas descrições, o poeta dedica especialmente este livro a duas pessoas importantes:
Para sua mãe, Necí, que lhe apresentou o mundo das letras através do livro.
"Altius praecepta descendunt, quae teneris inprimuntur aetatibus" *
Para Dani, a lanterna em sua noite, novelo de fausta fuga. Libertou estas palavras, alforriou seus poemas do silêncio, da escuridão. Quem venturosa traz ao lume toda essa façanha. Quem lhe cativou em seu terno abrigo.
"Qui amant ipsi sibi somnia fingunt" **

* Chegam às maiores profundidades os ensinamentos gravados em tenra idade. (Sêneca, em "Consolatio ad Helviam" - 18,8).
** Os que amam modelam seus próprios sonhos. (Virgílio, em "Bucólicas" - 8, 108).



Cordis Solivagum

SETE ROSAS MORTAS

I
É um vento que se vai,
que fustiga sofrido esquecido,
vociferante alma que verte, esvai.

II
Pois em vil ação ceifou-se as rosas,
dispensou o escanção privando-me
do vinho o sabor, calando o perfume da emoção,
deixando o poeta sem amor, rima, ou canção.

III
Maldita falárica!
Eivada dos olhos d’um basílisco,
qu’em semântico torpor sorve-me a vida
na penumbra da loucura, às veias de lancinante dor.

IV

É mister, destarte, dizer que
o poeta enfrenta agruras
para apenas conhecer sentimento
tão imenso que nos faz esmorecer,
lançando-se no ímpeto desta ventura,
esquecendo o vero morrer no que
se confunde se o amar é viver...
12 de fevereiro de 2006

ROSA AMARELA

I

Das miríades que colhi,
rosas que vi murchar lançadas
ao esvaecer do amor sob
elegias desta paúra dos
tormentos da triste sina de poetar.
No anseio d'alma pura,
só tu imponente ficaste,
salvando-me da vergasta,
curando-me da ura.

II

Porque reluzes a cor real
da magnificência e riqueza tal,
que aos céus sentimento não se viu igual.
Amizade intransponível ante as
sagitas da infâmia diluídas no nada,
alicerçadas no mal.
04 de março de 2006

OVICULLA MEA

I

Porque em teus olhos
vi serena paz,
que dissipa de meu peito
tamanha dor edaz de
lancinante solidão e
melodia contumaz.
Pois são nestas janelas
de vésper cor vivaz, que
contemplo um horizonte
ao som da escuma,
embora ainda distante,
mas apraz.

II

Porque em vossos lábios
vi sorriso álacre em
perfeita candura e de
angelical feitura, mas também
de mística ternura, que como
canto de sirene lança homens à loucura,
batel a pique, lançado em tão fausta aventura.

III

Que não seja, portanto, a distância
algoz de um sentimento instigando-lhe
aos devaneios da vida, lançando
o coração ao esquecimento deste
novo pulsar arrítmico; porém alento
pelo desejo de ver o bailar de
seus cabelos ao vento,
aenigma faciem tua.
Porque em dias de sombras
vos conheci, cansada de infértil aprisco
em seus olhos, senti a dor de tão
impulsivo sentimento que
também do qual sofri.
Mas quando taciturna, recostada
em leito, vi o nascer de teu sorriso
em tão serena alva, percebi que
não há périplo que ao meu peito
ofenda, nem sagitas que
instiguem contenda que hão
de esmorecer o desbravar de
érebo e senda ante o almejar
de que um dia eu entenda
o enigma que tua face apresenta.
25 de março de 2006

MENINA MEIGA

I

No vento de meu silêncio,
ouvi tua voz serena ante ao frio
que nem a quimel cessa o atroz.
De noite, em chuva estuário de lágrimas,
pranto em minh'alma foz.

II

Pois no ardor desta frágua
vil morte-côr se lança, dando
à matiz vida e ao peito
esperança de que um dia possa,
feliz, descer broquel e lança,
famélico paladino à espera de uma dança.
Rio de Janeiro, 10 de abril de 2006.

PRIMA POETICA

I

Em teus olhos almejo
em minh'alma quietude
ao coração, em anseio à calma,
aspirando o findar de sabéia alva,
recostando-me em vosso colo,
futuro incauto à palma.

II

Pois me resgata de Caronte, trazendo
pura fonte, vida, luz, horizonte.

III

Cura-me da ura de perder o amor.
Trazei-me sopro ante as harpias da dor.
Lançando-me prono à vida transpor.
Para que se erga, sem nenhum temor
de espavorida voz, um singelo clamor
de que, enfim, encontrei o amor.
Rio de Janeiro, 13 de maio de 2006.

VALERIAE AQUILA

I
Pois no enigma de vosso sorrir,
o poeta inquietou-se.
Em impulso infrene deixou-se cair
na ávida ventura, incauto às dores
e ao coração ferir.
Lançou-se, alinegro, em ímpeto
sem temor ao vil espavorir,
no anseio d'uma chave
e da resposta conseguir.
Enfrentando mil clavígeros
do edaz de seu pruir, a fim do velário
de incauta aporia subir, para
que possa um dia entender
o enigma de vosso sorrir.

II
Pois, enfim, pequena valente,
deseja-lhe o poeta toda
felicidade contente em mundo tão inóspito,
inconseqüente, que seduz em vento
eloqüente de vazio intermitente;
que à vossa beleza transforma em
jardim álacre de matiz reluzente,
mundo tão inóspito, inconseqüente.
Rio de Janeiro, 30 de maio de 2006.

SONETO DE AMOR

Pois o amor,
por nos ser vil dor,
nos é torpor, em
olhos cecílios e sem pudor.
Lançando em ímpeto e sem
temor, o coração inocente
ao lírio gris do amor.
03 de junho de 2006

SOFRE O POETA

I

Sofre o poeta porque conhece
o amor em toda sua plenitude.
Lança-se no ímpeto deste abismo.
Amiúde.
Esquece-se da vida,
despreza da sina o frio ataúde.

II

Pois bem vero é que
aqueles que não amam os poetas,
não amam o amor.

05 de junho de 2006

BELBELLITA NOCTIS

I

No cálido espargir de vossas
asas encontrei alento.
Na miríade de frívola boana
contemplei vosso sutil movimento,
que não se dá ao baixio e que
ao lene toque finda o movimento
de doce bailar que ao poeta seduz;
calando-lhe o tormento do fustigar
de vida vã, eivada d'doblez e sofrimento.

II

Pois é mister que anuncie
a contento, que ao enigma de teu colo
ergue-me o ímpeto ao profano pensamento
de receber toda vossa ternura,
ávido por um simples momento
capaz de conter todo esfuziante sentimento.
Rio de Janeiro, 09 de junho de 2006.

SONHOS

I

A vida é feita de sonhos.
Uns de álacre sina, outros
edazes, medonhos.
Mas ouvi o clamor do
poeta que vos clama que
ante a loucura sã que
d'alma inflama, amor de
bichancros e devaneios
de áurea insana que ao
peito cessa o pranto,
que lasso proclama que só
os que se lançaram no amor
podem enfim dizer: Ama!
Rio de Janeiro, 10 de junho de 2006.

NYMPHE

I

Na juvenília do poeta,
sutil, apareceste em lírica beleza
que ao alinegro peito enterneceste.
Legando silêncio à febril incógnita,
alíseo de teu sopro que à frágil
alma enrubesceste.

II

Pois doidivanas estouvado,
me acho no almejo de saber
o que alentas nas miríades de
flavos cachos, de lene bailar
no esfuziar de cálido febo,
archotes e fachos.

III

Que não seja, destarte,
este vil distal que me priva
de vosso perfume e sorriso tal,
encerrando-me ao frio
incessante deste niveal que na
ternura de seus olhos se desfaz

quando contemplo as cores d'um
perdido, mas vivaz, vitral.
Rio de Janeiro, 18 de junho de 2006.

BÓREAS

I
És alabastro pelo vento esculpido,
qu'em serenas curvas reserva
aos ímpetos, sentimento contido,
ázimo dos sensos, estouvado aos
perigos de insano pulsar, retido em
almejar distante de pranto escondido.

II
Mister, porém, cumpro em dizer
que além de ternos olhos, o poeta
arrisca-se em ver a magnificência
de vossa alma, que traz o doce
enternecer de vivas palavras,
que ao vernal faz atípico
florescer e ao coração cessa
do cruor o mordaz verter.

III
Pois vossa rara beleza
tira dos homens a mais
hábil presteza, lançando-os
ao desespero, enfim, tristeza

de esquecerem d'aos vossos olhos
encararem em firmeza,
dispostos a deparar com as
áscuas de refolho, frieza
que nada mais é que velário
sobre vossa rara beleza.
Rio de Janeiro, 23 de junho de 2006.

ESPECTRUM MALEFICUS

I

Por que distais de minh'alma
ovelhinha, horizonte tão infinito
de amargo sabor?
Pois em meu peito apetece o calor
de um olhar tenro e celeste de amor.
Algo que em ti fascínio mostrou,
calando-me a dor ao resplandecer
de teu sorriso, à melodia de vosso
canto ante ao ímpeto de meu furor.

II

Diante infaustos insepultos
que vagam vosso coração,
permita ao paladino lançar mão
d'espadim, broquel e morrião.
De farnel eivado de fel e queimão,
a fim de derrotar vil turgimão,
salvando-lhe da tristeza,
dúvida e solidão.
Rio de janeiro, 11 de julho de 2006.

DULCÍFERA CLIO

I

Eis qu'em meras almas
viventes sem rumo,
o coração assim notou,
na miríade de cecílios
sem calor e'mundo urdido
pela calma, o alinegro poeta
ao baixio reclamou quando
ao alíseo, em frios sussurros, notou
o extreme de lenes escansões que
ao pergaminho de paz legou.

II

Destarte, em meio aos infames
clavígeros, esquivando-se das
febris sagitas de vis arcíferos,
este ávido vespilão almeja
a voz que ecoa no turbilhão
de vociferado crás, em
sua melodia lúgubre, eivada
do basilisco edaz que.
No intento de impedir-me
à'ventura pervicaz, lançam-se

como vélites de insanas palavras
e hálito contumaz.

III
Mas de camal a morrião
protejo meu sentido,
transpondo o impetuoso
letes sulfurino ao batel de caronte,
neste orco gris contido, ouvindo
as elegias dos desesperados em
tão mundo louco espavorido.

IV
Pois mesmo ante a hercúleo pervagar,
vosso alinegro poeta não se deixa por achar.
Mirando riste a voz que alenta o
conturbado escutar, fazendo esvair
a dor da profunda ferida,
desventura da ousadia de se amar.
Rio de Janeiro, 01 de agosto de 2006.

LACRIMULAE

I

Pois bem vês o que me foi o amor.
Que nas umbras de meu passado
sustou-me à vela o vento,
trouxe ilusão e torpor,
rasgando-me as carnes,
zombando de minh'alma,
extirpando-me o sopro do ardor,
privando-me do contemplar da luz,
do paladar, o sabor.

II

É que não viste desnudo do
poeta, o coração que sob a
vergasta de singelas rosas
que ferira ao triste turgimão,
que só almejava o doce ósculo
isento de fel adido de paixão.

III

Arrastado às insalubres gemônias,
doravante me acho.
Esquecido ao sofrido pranto

d’um infeliz condenado às
galés de vil degredo insano.
Flagelado pelo infrene canto distado
d’um sorriso, sentimento acalanto.

IV
Hoje vejo-me na chuva incessante,
escondo sabéia lágrima de
cérbero beligerante,
ávido por esta pútrida carcaça,
para deixar-me aos tratos
d’um caronte vigilante,
lançando aos ergástulos
indefeso infante, qu’em
labéu e ordálio pecou por amar,
crido no eterno instante.
Ceifando-lhe a vida, legando-lhe o inconstante.
22 de agosto de 2006

REFUGIUM CORDIS

I

Às vezes, a solidão nos é uma sombra
que oculta o esplendor da beleza
que está do outro lado,
distorcida pelos fantasmas
da incerteza.
Insurreto da loucura,
lançando-nos ao profundo
de nossa ura em tristeza.
Tu que entendes o poeta,
adentra com ousadia
minha obscura profundeza.
És amazona hábil em
entendimento e presteza,
que ao peito do poeta
isenta da avareza, coroando-lhe
com o doce valor dado à realeza.
Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2006.

UM GAZEL PARA CALÍOPE

I

Pois quando vosso sorriso
resplandece, aos olhos de tão
simples poeta a terra desce.
O mundo para a dor esquece
quando ao postigo deleita-me
com tua beleza que enternece,
instigando um pulsar arrítmico
qu'ao peito aquiesce.

II

Quando ao jardim,
Lene e serena adentra,
teu perfume exala, calando
toda tormenta qu'em bélico trom
traz celeuma posta à contenda.
Fazes das flores flâmeas aias e
dos infaustos dias uma grega calenda,
tirando de meu cecílio insana venda,
que encerra este inerte na umbra de fria senda.

III
Doravante, pois, agora,
urge-me vontade espavorida
de anunciar qu'em raro cárdice
foste esculpida.
Na aurora dos sentimentos
de alegria incontida, de
esfuziante esplendor que
enrubesce a alma, concede o calor
da vera chama da vida.
24 de agosto de 2006

GAZELA DE FLAVOS CACHOS

I

Foi quando ao vésper dos
sentimentos, o poeta
sentiu em lene sopro, cansim/
ao barlavento, que às escotas
de gris galé de incertezas
assentou-se pensamento a este
vagante ao périplo desmundo,
qu'ao vosso infrene pulso
ainda há calor e alento.

II

Mas o que são os homens
senão meros viventes
lançados à sorte?
No anseio de viver o presente,
imprudentes,
à vera voz da morte,
ávidos pela chama
que cinzela o peito
em signa forte,
estigma de vivaz porte
ao coração de tais famélicos
em busca d'um simples norte.

III

Pois vosso poeta anuncia
ao instante, qu'em mares obscuros
puseste nau ao vante.
No ímpeto de vosso coração
sem bestilha ou sextante,
eivado na dúvida, eis
vosso cálido infante,
qu'em busca de seguro porto
alentas inconstante,
lanças impávida beleza
ao intrépido distante
deste almejo da espavorida vida
libada no esfuziante.
28 de agosto de 2006

CICIO

I

Eis qu'em vossos olhos
da cor de nobre candura,
achei incógnita aos ímpetos
desta loucura de poetar sobre a vida,
seus rubores e intrépidas aventuras
que verrumam os sonhos
viventes, ávidos d'alma pura.

II

Dríade de flavos cachos,
a quem menestrel pena rendeu.
Incitas ao vértice de meu estro
oculto em cárdice camafeu,
aquilo que lhe foi arrancado
sob látego asmodeu,
que legou-me andrajos
em miríades vis,
infausto briareu.

III

E quando, desconcertada,
esmas sobre o tempo no
almejo d'alvissareiras respostas
sob o cicio do vento,
entenda que o corpo
lh'é soer, repele o ardor
em temor ao sofrimento
de sair desta falupa contra
faláricas de insano tormento.
Tudo porque o coração
não se ausenta da busca
ao raro sentimento posto
à fina flor, frágil ao dedilhar,
misterioso cicio do vento.
30 de agosto de 2006

CONCEDERE CORDIS MEO

I
Eis qu'à pena do poeta,
um amor se reclamou,
de jovem em repletos sonhos
àquela qu'ao peito transtornou,
qu'àlma gris a solidão dissipou,
trazendo vida ao amante que
em puro alvo brial o coração se achou.

II
Destarte, o menestrel vos anuncia,
que não te faças ausente a este
que te ama, nem tão pouco Cecília.
Pois m'é de bofe que se atente
em vossas duas primaveras
de tão frondosa juvenília.
03 de setembro de 2006

CLÂMIDE INACABADA

I

Como hei de extirpar o
germe desta dor que
permeia a vindima e traz
ao vinho torpe sabor?

II

Eis que o poeta se aventurou
em bandeira solitária,
urdido no garbo das falas,
impávido, inconseqüente,
que à coura e morrião,
destemido, dispensou.
Imprudente às sagitas
eivadas em basilisco
que a muitos encantou,
sentimento acalanto
que a desavisados,
sem hesitar e fugaz, os tragou.
Consternados ao cicio, às árvores,
docífera elegia que suas almas ufanou.

III
Pois bem vês que à sina
de tão gracioso sentimento,
esconde-se soturna umbra
de edaz sofrimento.
Que repele a ternura,
encerra as vozes e
intenta ao coração esquecimento.

IV
O poeta ao frio sente,
pois, o despiste de negros
andrajos do passado qu'em
ferro vil marcaram o presente.
Tecias nova clâmide de luz
d'alva reluzente, mas
que relutas em oferecer ao infante,
trêmulo sob a chuva penitente,
na esperança que teu sopro,
a vossa calma, em meu peito
não se ausente.
04 de setembro de 2006

RESMAS

I

Pequena dríade, onde sonhas
teus sonhos?
Em píncaros de verdes vales
espargindo vosso sorriso
álacre risonho, ou nas
íngremes escarpas que
instigam aos homens o
instante lúgubre e medonho?
Pois são nas alvas resmas
que os que aspiram em soer,
acham seu caminho nos
eternos percursos da vida
contida de frívolos sátiros
dados ao acre vinho.

III

Que seja para ti
singelo papel, auriga
da ventura ao incógnito,
neste oceano, pequeno batel.
Qu'em calmarias e vis encapelos
confiam a voz do menestrel,

e'mundo carente, de lacunas e
indeciso, eivado de torpe fel.
10 de setembro de 2006

TERPSÍCHORE

I

Sob o cálido véu apareceste,
terpsícore refulgente
qu'aos olhos de cecílios imprudentes
enterneceste; lançando o célere
aos ávidos arrítmicos,
consternados, a quem sutil
enrubesceste.

II

Pois em cendais ao vento,
transforma aos estros
d'alma em calor e
movimento ante aos ímpetos
deste triste velário sobre os homens,
eivado da frieza e do vil tormento
que silencias reluzindo
vosso brilho flavo,
enigma em lene coreia
de vivaz sentimento,
fazendo-os esquecer
a ilídima infâmia, torpe lide sina do tempo.

III
Doravante, pois, agora,
anuncia-te este mortal etopeu
que nem à euterpe,
érato e calíope
achou-se gazel nem coreu.
Quiçá vos digo,
calou-se até o
velho sábio corifeu
ante vossa álacre dança,
qu'aos deuses fascinação
também se deu.
Quando entorpecidos por
vossas clâmides, peplos
e besantes, eflúvio aos etésios,
infausto mundo se esqueceu.
Rio de Janeiro, 08 de outubro de 2006.

"EGOMET"

I
Oras!
Dizei, pois, tu, o que és!
Como saberei quem sou?
Talvez seja eu momento,
em tão conturbado vento,
lançado vil às velas e
escotas em mar tormento.
Distante de meu périplo,
tendo a noite como alento,
fiel confessora das
profundezas de meu sentimento.

II
Pois, talvez, somente
os mortos saibam quem
realmente são tais insepultos que
pensabundos balbuciam à
espera d'um turgimão
que lhes traga luz ou
direção ante a insensatez
desta vida e à inocência do coração.
Rio de Janeiro, 23 de outubro de 2006.

VERBA CARE

I

Amor é palavra cara ao
coração esquecido na fria
chuva da noite, em cinéreos
andrajos, trêmulo, aturdido.
Que cumpre triste ofício no
trom de vosso clamor contido,
na dor de quem lhe foi
privado, retido.

II

Desaquinhoado,
vaga sem rumo,
por miríades, amaldiçoado.
Lançado aos libelos da vida,
eis sonho desasado,
em ciar de sáfaro, mas
que, por muitos, sempre almejado.
Insano sátiro qu'em cecílio torna
o ardor em evoé degredado.
No bojo de gris batéis
em danação, encerra mais
um incauto desavisado.

Que ainda crente de seu amor,
esquece real horizonte ante
bragas e grilhões que encerram-no
neste mero condenado.

III
Pois, esperança às caudinas
lançada, expôs, ressumante, à'lma
em carne cansada dos
desvarios estouvados na
arrelia apupada da
insensatez de tão féretro mundo,
em versos de surriada.
23 de outubro de 2006

ÂNIMA NÁUFRAGA

I
Hoje vivo no silêncio,
em deslembrada ária.
No marcescível de seus
doces anos, tornou-se amarga pária,
tornando o linho de
peplo fino em tisno andrajo
de tolaz falácia.

II
Em datas de bofetões,
deixou-me ao pranto frio
de notívaga chuva,
envolto d'amores foliões,
manchando as letras desta fábula,
restando gregotins e garatutas
de meus grifos peões,
adidos de tão serena arte
sofrida do amor, esvaecida de razões.

III
Pois até quando pesada guante
alcançará meu peito?

Legando-me o desdouro da fé
de que o bom é perfeito,
eterno em palavras, vivaz e
jamais desfeito.

IV
Náufrago incauto e perdido,
vaga em umbra névoa
d'interminável degredo, aturdido.
Esperando da frívola sorte
d'algum dia, deixe o infausto posto
daquele que deve ser esquecido.
Rio de janeiro, 12 de fevereiro de 2007.

APORIA

I

De tudo que sonhávamos,
ficaram as marcas n'alva
de resmas esquecidas.
Pela agrura do repúdio
do que à'lma aspirava,
perfume de rosas esvaecidas,
outrora felizes, na rubra
de álacres pétalas em dança sagaz
de alegrias contidas.

II

Mas de tudo que se fez belo,
em desabe foi lançado ao
trom de rude martelo, em
rijo incude, incessante melodia,
labéu de meu anelo.

III

Quisera poder saber
de minha culpa a
privar-me de tua face ver,
o porquê de burdo látego

a fustigar-me o viver.
Aporia de eterno sequiar,
que me consome as horas,
sortilega meu querer.

IV
Se vós pensais que fui incauto,
peço-vos que não vos incline
ao perjúrio para a fé deste auto.
Pois as rosas não me deram sequer
respaldo, legando-me ao léu
dos desafortunados no poto de Eros.
Encerrados ao infausto.
Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 2007.

FESTIM

I
Em doidivanas de foliões,
acende da cidade a ribalta na
noite de choldres parvalhões,
esquecidos de suas dores no
desafogar d'ébrias canções.

II
Dias de fitares licenciosos e
ademanes desaforados a cumprir
aquilo que ocultam, a fim
d'um mundo fingir,
esquecer que a lide é rude,
que faze-nos dos sonhos
sempre cair.

III
É quando então acordamos
de nossa fantasia doesta,
de parvos berliques,
ósculos calados no soer de
que não se finde a festa, que
nédio sol se esqueça que já é

dia e seu fulgor logo se manifesta.

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 2007.

CHARITAS UMBRA

I

Hoje eu queria sair,
voar m'é melhor à noite.
Esquecer que ainda penso em ti,
em pulsar inerte e sem fluir.

II

O que me terão por herança,
senão a fria lápide deitada aos campos
dos que expiraram esperança?
Onde o silêncio ecoa no cicio
às folhas qu'ao cair da tarde
ensaiam eterna dança.

III

Queria apenas voltar a amar,
mas esqueci os caminhos a percorrer.
Pois me deixaste à fímbria deste léu,
como inocente para morrer.
Enquanto sorris toda indiferença
em seu perfeito mundo,
privaste-me o viver.

IV
De tuas alças soltaste-me
para vagar, mas por muito
encerrado me achei,
para hoje conseguir caminhar
sem que as pedras me firam os pés
e a noite fustigue o anseio de sonhar.

V
Liberta-me!
Não das garras
de tua maldade, mas das
sombras de tua impiedade.
Para que possa ainda
sorrir com um perfume
de um amor puro e sem iniquidade.
Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2007.



Livro VII

Osculum Carpere

I
Eis que em tenros olhos
d'etérea cor, o poeta se perdeu.
Na miríade, em dança de
negros cabelos, arrítmico coração
se rendeu.
No desconcerto de mágicas
palavras, como ninfas às resmas, no
penejar d'um estro deste pequeno etopeu.

II
No que guardas em vosso
jeito infante, ímpetos e anseios
recolheram-se em paz constante.
Quando à'lvas mãos em lene toque
m'é candura flamante, qu'ao átimo
de lúrida vida traz álacre matiz
em graça sibilante.

III
Pois, então, diz vosso menestrel
que arremetes aos cordames
de ferido batel, frágil falua,
retida em vil esparavel,
de mundo imundo, insensato da dor,
desprovido de calor, eivado de torpe fel.

IV
Permita, destarte, a tão sôfrego
peito em anelar, lançado na esfoima
de saber o que estás a ocultar
em arcanos doces lábios,
que este séquio arrebatado,
em verso atoleimado,
cúpido, desejar beijar.
Rio de Janeiro, 17 de março de 2007.

PHOENIX

I

Talvez da noite em
algazarras de livusia,
tenha cessado o desvelo
de minha agonia.
Silenciando roto pranto
entoado em brados à demasia.
Mas por dúvida, ainda carrego
minha pequena aporia de
que voltar possa as flores ver
no jardim, à luz do meu dia,
sem o temor de umbras sombras
que me privam o ar à tona,
na sina d'um natimorto,
posto à prova de docimasia.

II

Pois no voejar de Fênix
reluzente, vosso alinegro
busca o estro outrora decadente.
Esquecido aos sótãos da infâmia,
condenado ao labéu de choldras maledicentes.

III
Se doravante intentas a este
tácito socorrer, atentas, outrossim,
que por vértigo amor
quedou-se em sofrer,
sem meditar em si
na mais valia de que vale
o intenso morrer, do que
um desmotivado e inerte viver.
Rio de Janeiro, 18 de março de 2007.

UMBRAE DISSIPARE

I

Sob fria noite nas brumas
de averno cendal em
cândid'alva,
surge ao peito célere lene
zéphiro posto à calma,
qu'ao tempo pára,
legando perfume ao
seio de triste alma.

II

Pois, acho-me no profundo
de tão intensos olhos,
que à harpias e syrennes
lançou espada e broquel,
dissipando sombras e
hades, rompendo da
comum estamenha
de lide burel, que em meu jardim
cobria a luz às rosas em
torpe e negro dossel.

III

É quando a seus cabelos
traz-me em frondoso véu,
e de teu sereno corpo
vertes adocicado
raro mel, que percorre
elegias e louvores
deste mortal etopeu,
qu'em pequenos versos
de infante gazel intentas
entender o fausto sabor
deste amor menestrel

IV

Doravante, dá-me, em teus lábios,
resposta a esta insana loucura
de mundo espavorido, lançado
a gris matiz sem candura,
qu'aos homens lança torpor
e insensatez paúra, em débeis canções
sem bondade nem ternura.
Rio de Janeiro, 07 de abril de 2007.

ÍMPETO

I

Pois no findar das esperanças do amor,
o poeta ao peito ascendeu ao olhar
d'uma fina flor de pele d'alva seda e lábios rijos
em láudano torpor, levando aos sonhos
menestrel infante, que agora imbuído
de nobre missão, cumpre legar-lhe louvor.

II

É vosso toque ao corpo sereno
arrepio que invade o íntimo,
remete ímpeto ao fogo de
licencioso calafrio, que a este
mortal aturdido em mundo
eivado do vil martírio
contra aos que almejam o
sopro de quem ama,
cálido alento ao coração,
aconchego contra o frio;
traz lene voz à noite de meu estro
e felicidade ao meu vazio.

III
Tu de pomas adocicadas,
que latejam aos beijos
deste impulso libertino
que à carne inflama,
deixas arrítmicos
meus fôlegos no
revirar sátiro deste afã
que à razão desmanda,
e aos descaminhos
desta luxúria em descomedidos
comichões em fulgor proclama.

IV
Pois bem vero é que trouxeste paz
na sofreguidão dos dias lancinantes,
qu'em átimos de gris ânimo pertinaz,
deitou-me em vosso colo de macio alento,
doce leito que apraz.

V
Se há amor maior que a vida,
dizei-me onde há, a fim desta
jornada de libelos pavores sepultar.
E que enfim possa acreditar

que na vida, o melhor é amar.

Rio de Janeiro, 12 de junho de 2007.

BELLATRIX HEMERA

I

Dos idos de tua tenra aurora,
o poeta reconheceu os dias em
que tua face contemplava no espargir
de hélios que ao peito palavras
perdeu, em suspiros de epulários e
olhares escanções à noite em
velário que tua luz acendeu.

II

Hemera guerreira de alvas mãos,
faz ao soer de estrênuo valente,
que ante ao fulgor de tua presença,
ressupino ao chão.
Ei-lo lasso impotente,
aturdido pela beleza de teus olhos,
que no ímpeto alecto fere o penitente e
aqueles que lhe ousam cortejar
com ritos frívolos de meros homens de
verdades descontentes.

III
Pois na brisa escondes segredo terno
ao coração desavisado,
prono em lene pulsar,
singelo e contristado daquilo que triste
mundo clama prostrado, contra a
discórdia de Éris e de ares vociferado.
Rio de Janeiro, 20 de junho de 2007.

PLENITUDINIS

I

Alguns falam que o amor é como uma flor.
Outros, que se faz e lhes é rocha.
Oxalá! Estejam estes em neumas vociferadas.
Pois tudo, ante ao amor, é sobra.
Aquilo que se canta a esmo, em tenaz loucura
na desalma deste mundo em obra.
Rio de Janeiro, 7 de agosto de 2007.

MORGUE

I
Às vezes, m'é dor teu silêncio
na ausência da melodia
que álacre vagueia no périplo de
minha sorte, neste libelo de morte
que surge todo dia.

II
No morgue desta insana loucura,
penso por que me pune o
lúgubre badalo de cansado sino ao
vento.
Penso que espinhos vis, de rosas pálidas,
ainda vertem depois de prisco
momento, o cruor em meu peito esquálido ao
frio intenso, impetuoso em tormento,
no simples saber que tudo neste
mundo é refém do algoz que encerra o tempo.
Rio de Janeiro, 21 de agosto de 2007.

ENIGMAE

I

Se vos falo por enigmas, é porque enigmas
sois no ir e vir de apressados que
esquecem ou deixam o sorriso pra depois.
Que o sisudo labor se rompe no crepúsculo
à luz de vésper neste céu turvo do amor que se foi.
Firmamento sem estrelas, prono ao soturno,
à espera de nós dois.
Rio de Janeiro, 21 de agosto de 2007.

PRIMAEVA

I

Ao que pensa entender, cumpre
sortílego mistério nas avoengas de
nosso envelhecer, de Sóis q'ao firmamento
espargem o ávido calor do nascer de lépidas
rosas no desabrochar de seus dias de mero soer.

II

Pois no granir da ciranda da vida,
miríades se fazem os pontos ao pergaminho
de serena Clio e de seus aprazes contos,
q'aos deste mundo, convivas libados de Enos,
balbuciam tontos sobre as reses de sabores vis e
fitares licenciosos e medonhos.

III

Porém, cumpre lembrar-vos que
sempre Vênus, a Primavera de nossos expiros,
nos traz ao canto de Zéphiro, em cicio que apraz.
Quando mais um ciclo nos chega, em doce calma paz
neste chão aturdido, eivado de gris poeira edaz.

Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2007.

REMINISCÊNCIAS

I

Sou como orvalho que pesa a fina flor,
tomba ao chão ríspido, terra insípida, molhada
das lágrimas da chuva de meus desgostos; das
agruras de minha choldra existência vagante sem rumo.
Na eloqüência sombria de velhos rostos,
reflexos de antigos espelhos, paladar
suprido e fatigado por negros mostos.

II

Ali na pequena fresta que escapa a luz, que
nesga fugida vem em meu encontro,
acho-me cálido de meu silêncio louco, que
invade a noite aos prantos ensandecidos e
uivos viscerados, que aos infantes, quisera, fossem mou-
cos.

III

Ah! Quem me dera, um dia,
a luz do entendimento para suprir ao frio
desta lança em carne pálida das
sombras, eriçada do ímpeto das
tardes, ao rigor do áspero vento,

que sobre égide de Hermes anuncia o
labéu do cumprimento de meu ávido
ofício de se enganar a vida e contar
interminável do impávido tempo.
Rio de Janeiro, 16 de setembro de 2007.

EFEMÉRIDES EFÊMERAS

I

Amar é entregar ao léu de fantasmas galés,
o destino do infrene peito jovem que desatino se lança
aos anseios d'um incrédulo às feridas que lhes rasgam as fés.
Cortam-lhe as vinhas e ascendem ao crepúsculo,
firmamento da sorte de que acordem de suas polés.

II

É esquecer o baixio de Tanathos
nos braços de efúgio Eros.
Expirar as dores em canções doces e
ósculos vertentes de meros sabores que
no deslizar dos dedos em feição bela
esmorece, cala o frio do corpo em andrajos dissabores.

III

Se perguntas a este simples bedel das letras,
ladrão das palavras, se ele ama, direi-vos
que todos os dias minh'alma a este clama
em socorro de meu peito, que ermo de alegria
vaga pedibundo, vagueia sem rumo nem fama.
Rio de Janeiro, 24 de setembro de 2007.

DESVALIDO

I

No que se deduz o Amor?
Instado às toleimas e
devaneios de choldra vida
dos que aqui levam a sorte
de seus atos de horror?
Ou em cupidez das criaturas
pensantes e viventes
apenadas da triste roda
desafortunada das ruas ébrias
desta chuva pranteada de dissabor?

II

Se de tantas vi o esfuziar de tuas cores
em jardins destratados e sem vida.
Ou que às escumas polutas desta
náusea maré fétida, sofregada sem
casta ou mesmo desvalida,
m'é dado o entendimento do fim
de mais uma dança dos últimos,
ao baile da melodia esquecida.
Escuto sempre as elegias de antigas

senhoras no coro fúnebre de
real e dura partida.

III
Deixaste-me à porta, como assim fazem os
viventes que ao limiar das trevas
sobre vil dossel, lançam trava, caibro
e desvão; legando às vagas em desespero
no incessante retumbar de teus punhos
tomados pelo rubro, inchados assim estão
pelo infeliz ofício do implorar aos ocultos
abrigo, afago e um pouco de pão.

IV
Mas as mãos desfalecem ao inútil.
E os ritmos se desvaem ao som dos
gritos ante a morte.
Atrás de fatídica porta de ríspidos entalhes,
pesadas bisagras e seu suporte, harpias remetem
às carnes dos amaldiçoados; negras garras eivadas
de odor pútrido, forte, de condenados eternos
levados pelo mesmo opróbrio dos
que à chuva ficaram sem calor, farnel,
ou mesmo seguro Norte.

LABÉU DE AMOR

I

Na noite de etéreos dançarinos,
colo de minha solitude, encerro,
ávido, sob o flagelo de meu açoite,
a esperança de que novamente amaria.
A carne enfim seria que desfalece aos
ímpetos à fímbria dos anos em eterno pernoite.

II

Perdoa-me se não vos sou casto
aos olhos ternos de tua face onde,
por beleza singela e serena, teu sorriso
refulgente de vosso espírito nasce.
Pois no baixio de minhas asas,
levado fui às veredas de mundo
inquieto e sem razão, que me salvasse
da insensata ignorância de lenes
apelos d'um peito sofrido pelas
agruras da manhã solitária em
meu leito fustigante, cerrando o
sonho que me levasse.

III

Aquilo que tu tens por amor,
foi-me arrancado pelas harpias da maldade.
Em violento golpe indolor,
no derribar de minhas forças,
ceifa-me o contemplar ante tua beldade.
É quando a besta se faz em meus insanos atos
da gris loucura que envolve meus ritos
de tristeza e felicidade, lançando-me ao érebo profundo.
Só, desalumbrado, na descrença dessa falsa verdade.

IV

Talvez esteja condenado ao distar
de minhas aspirações, ao sentimento
que muitos carregam, sejam em bichancros,
elegias e canções.
Desejo de vida qu'infla d'alma e
enrijece brado forte aos pulmões:
-Amo-te!
E desafiarei as saraivas de vis relâmpagos
eivados do coro de mil trovões!
Pois, até nisto, sois em mim reais ilusões.
Rio de Janeiro, 4 de outubro de 2007.

CORDIS

I

Houve, sim, um dia em que amei.
No calor de minh'alma jovem
que, no ímpeto do sentimento,
aos perigos ignorei.
Lançando peito em ristes dardejos,
que neste torpor dos gracejos
de aventura dilacerei em
miríade de migalhas, sutis
pequenos cacos, lascas das
batalhas que enfrentei.

II

Se hoje pensas que neste jardim
meu coração descansa, ledo
engano, meu caro.
Teus caminhos te levam
calçados na desesperança.
Pois encerrado fui à loucura
de meus prantos,
abandonado pela pureza
em pele alva que ainda rodeia
os sonhos de minhas noites

sem cor e dança.
Cortou-me o sabor e ceifou-me a pujança.
Tudo porque encapelado é o amor,
mesmo em tardes de bonança.
Rio de Janeiro, 4 de outubro de 2007.

PETIT

I

"Pois, não há vento que incite pavor,
nem tempestades vis que me lancem
impávida dor, que hão de impedir
meu peito de pulsar aos brados
desta pequena declaração de amor".
Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2007.

LUCERNAE LUCEM

I

Por quê se impedir que o tempo se acabe?
Por quê das lucernas não se deixe que apague?
Se a nós, destino é, sem rumos e tétricos, os
intentos a fim de que não se menoscabe.
Pois o fim é certo daquilo que tenro e
célere começou, mas mendaz s'é a
loucura do eterno, em promessas
vagas amarradas em puído calabrês.

II

Não te imprecas que um dia o
perfume de teu incensarão cesse?
De que o ardor de tua chama,
frágua viva nas intempéries em
latiu se esvaece?
Enfim, que o amor é maior
quando se priva de suas álacres benesses?

III

Assusta-me a dura incerteza
que nos aflige eternamente
com seus matizes de tristeza.

Que nos permite a loucura de baixar
as forças, desguarnecer alceias, ignorar
ébria perenal destreza, na virtude da canção
sem estrofe nem refrão, que percorre bufões e realeza
em busca das puras almas desprovidas de rancor ou frieza.
Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2007.

PEQUENA CELESTE

I

Um sorriso terno que nem a fria relva
silenciava, ou o pranto do firmamento
intentou fazer mal; pois até as flores calava.
No bailar de tuas mechas, minh'alma, enfim,
aspirava liberdade de meu silêncio que por Eras,
só, aqui vagava.

II

Pequena Celeste de lene canto, que fizeste ao
mundo que nada vejo senão vosso encanto?
O que era gris agora m'é cor, música, talvez acalanto.
Ante ao mal tutor de toda tristeza e sombras de meu espanto.

III

Agora, resta-me, na benevolência
de vosso tempo, esperar que tua voz
se faça melodia em meu tormento
de noites umbras sem calor ou, sequer,
algum sentimento de que um dia ainda possa
de novo ver as flores contemplando vosso
terno sorriso de doce alento.
Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2007.

CARTA À DOCE CLIO

I

Dulcifera Clio
Por onde sonhas teus sonhos?
Que fazes em lúgubre mundo de vértices
cálidos e sabores medonhos?
Sei que posto tenho minh'alma na
esperança de loucos sorrisos, que
em meu peito insalubre, álacres
e pérfidos, se fazem eternos risonhos.

II

Quando vejo tuas letras aturdidas da
negra noite ao firmamento de tua resma,
entendo-me como mortal de choldra existência,
vagante anjo desasado dos verbetes insanos,
que assustado esmas onde escondes vosso jardim
que aos poucos, ou nenhum, deixaste que se veja.

III

Aqui, meu périplo desapareceu ao
horizonte, as rosas esvaecem da
morte-cor de meus atos a encerrar-me
na triste desvalida sina de escrever os

anseios surrupiados pelo vil Caronte,
que priva-me o cárdice do sacio de
árdua famigerada dor em lene e pura fonte.

IV
Mas quando Hermes aponta o céu em
missão, trazendo de ti a voz que aos ventos
cessa e ao cruor de meu exílio proclama: deixai ao Menestrel!
Não vos intentais contra o sabor que em
suas penas salta e declama.
Pois, aos que vociferam a poesia e cantam os dissabores,
não hão de ter ergástulos, patíbulos ou masmorras, nem
setas que a carne inflama impedirão o estro de seus dias;
atos aos etéreos, sentimento que clama ao feliz infante
de elegias que, por fim, ainda ama.
Rio de janeiro, 24 de dezembro de 2007.

HELENA

I

Anfitrite - Eis que mortal aedo intenta em
sua desventura insana aos ritos d'uma
efígie, aqui às resmas decifrar.
Na brandura de álacres sorrisos que
distam horizontes estremes d'um doce,
porém, sibilino olhar.
Que nas miríades d'ímpeto Egeu às suas
pérfidas águas, ainda em imemórios a escumar,
avoengos contos de bravos homens qu'em
mortais razões aqui lançaram-se por isto a lutar.
Tudo porque da cautela esqueceram quando
aos negros oceanos de saturninos cachos,
pobres inçados na choldra cupidez, tentaram navegar.
Oh, incauto aedo! Doravante, aqui lhe adverto:
afasta-te ou terás por vida o eterno expirar.
Mas se porventura atreve-se assim, o
que estás, então, a esmar?

II

Aedo - Pois deveras vos digo:
que m'é hercúleo ofício de à gávea fria um
anseio aviste no porto de minha sorte,

sem que me venha opróbrio e desvario que, desasado eu,
possa encontrar seguro norte antes da lide sina
[d'ao firmamento
desta faina encerrar no desterro de senis escansões
[de morte.
Compreender que não é esperado ao velário o incude
de vento forte, singrando quilha ao vante em rude
destreza, derribando mastaréu e mastro em vil celeste corte.

III
Tétis - Faz-nos entender que se dispõe ao
desbrave de Poseidon sorrateiro.
Cruel aos trirremes que voraz destrói e
aos frágeis batéis devora impiedoso, por inteiro;
lançando ao profundo, os espúrios do danado bojo,
olvidados em sua divina cólera, ceifando almas,
legando-as a Caronte, o velho barqueiro.

IV
Galatéia - Achaques e desvarios, pobre mandrião.
Eis que vejo toleimas por meu cônscio julgamento.
Hábil de fala, tenaz em palavras, como invades tu
aos portões donde é início de tormento?
Na busca de respostas no périplo dos cinco rios,
travessia que se encerra ao Tártaro,

ergástulo do pranto e esquecimento?
Não tens tu ciência de onerosa epopéia
ante Quimeras, serpes e harpias,
algozes do sábio entendimento?
Confesso-te aqui, vivente, não me
cumpre mais alentar teu ousio neste audaz intento.

V

Aedo - Talvez mister m'é dado
saber do lançar em taciturno abraço
de sátiro, adido de líberos faunos
compostos de tisne ura.
Como arautos alocubrados desta
insensata e amente loucura, de
frívolos ritos em busca de alento
algum, às vontades do toldar da
notívaga tristeza sem cura, que em
sabéias às sedas vertidas, qu'ao tempo
se mostram esvaecidas no dissabor
da nobre candura, aturdida em amargo
saibo, manchas daquilo que um dia
lhe foi perene ternura?
Pedirá, enfim, o aedo, que não encerres plácida
a seta que tão alvo peito perfura.

VI

As três Nereidas - Pois, então, bem vero
assim nos é: que tal missão não foi dada,
senão por ti nas fímbrias sendas dos cantos de evoé.
Lançaste mão às escotas, traçaste rumo ao leme no esteio
de tua inspiração à ponte de impávida galé.
Eia, pequeno argonauta!
De Hipocrene libado, porém não te fascine
com a beleza do crepúsculo à proa, nem
com a sutil e dissimulada maré.
Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2008.

KHALLÓPTERA

I
No esfuziar de cálido Febo, eis que se viu
saudosa impulsiva dança em flâmeos velários, que no bailar
aos etéreos flutuam lenes aos meros olhos que anseiam
[esperança.
Enegrecidos pelos silêncios de tuas tristes vozes d'um
[mundo
sem calor ou rica pujança.

II
Aos homens, tu impões tísica saudade,
fazendo-os moucos de suas razões,
esquecendo libelos e maldições quando
rendem-se obtusos, desprovidos d'alguma verdade,
ofuscada por suas ávidas contrições ao
lançarem de vossos cárneos corações, a
inocente metade que nos é presente sem ambições.
Singelo pulsar doce e de boa vontade.

III
É quando em brandos ademanes
desliza teus finos artelhos aos tempos
imemórios da grande canção, qu'aos

simples olhos assustas com o
segredo de teus gestos, onde esconde as chaves
de teu universo nas findas linhas de tua sedosa mão.
Oh, pequena ninfa de belas asas!
Não te dê aos ofícios de azorrague ou a
ordálios para este pobre turgimão,
adido da loucura dos cecílios contos,
libado de roto enos e azedo queimão;
coberto de fustigante manto andrajo,
que não vos oferece prata, ouro,
nobre esmalte ou quinhão;
que de relicário em voz oferece-te
tinta de seu cruor, pena da sagita ao colo
e lúgubre mata-borrão.
No apreço desta humilde arte, malabar
das palavras, qu'em peripécias no gris picadeiro
fez-se arauto de tua cândida missão d'aos viventes
ao Elísio levar, de sutil sonho ou plena introspecção.
A fim de trazer à vida sabor de infante alma nos
reflexos de tua fugaz feição.

IV

Se em vossos passos testemunho o
contemplar de mil céus, não há por mim
vera letra que explique a ciranda de cores

no ritmar de sortílegos véus, que
instam à platéia, embevecida e
confusa, que vos lance flores e chapéus
quando fascinada pela forma como
transformas em nuvens cansados dosséis no
pervagar de veredas e déus.
Instante único neste vaivém das ruas
pífias da existência e escuridões
sofridas no ermo de desencantados cantos,
acalantos e frios léus.
Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2008.

DAPHNE

I

Menina de verdes olhos, abismo que às
vestes bravias de Poseidon ofusca e às
escumas das ondas impele reverência.
O que ao mortal menestrel vens aqui pedir?
Em profundo e oceano olhas à pequena
humana aurora, lança das sortes que por
noites interrompe o sono das águas no
soer d'um cálido pruir.
Não há, pelo que visto tenho, silêncio
que cale ao mais espavorido coração
imerso aos apelos de tua voz, e não o
faça, em teus intentos alheios, cair.
Desabe de antigos capitães de toda
Ciência, que cumpre em vossos doces suspiros
um contumaz destruir, ferindo à senil
pena partida, que verte rubro d'alma
em desconsolados soluços, quisera
este humilde artífice das letras que
mouco fosse ante ensandecidos brados,
ecos do revés deste infausto sair.

II
Então, apegado aos ritos d'ofício escrivão,
eis vosso rebelde plácido e foragido,
longe das luzes, por vezes oculto ao
ímpeto vento oriundo de miríades
retirantes canções, esquálido e aturdido
em priscas frases que trazem meu
frio à relva triste, mero bufão sem sorrisos,
sofrido de falsa fé e da fome carnal, é
pálido e desvalido, alinegro querubim
na ciranda das cores e de secas palmas de
mundo claustro, tácito e combalido.

III
Temo entender o que incude em meu simplório saber,
sentimento que arria os cisos do âmago do conhecer.
Que rende o seguro périplo ao infinito de tua formosura,
em venusto enternecer.
Que pode livrar de quimeras mil, pois és tenaz
em tua dança ante ao entardecer.
Arremete-me impulso aos passos, reafirmas
sobre os autos, o lúgubre expiro d'um estro
instigado ao perdido viver.

IV

No bailar de teus fulvos cachos aos
etéreos, sua vontade aos movimentos
comandas em louvor, na regência de vossos
lenes sutis artelhos em delicados ademanes
de indescritível belo compor.
Pois, nem à deusas, fadas e dríades, face se
viu em tão perfeito alabastro d'alvo fulgor.
Assustas até o mais hábil dos artistas com
tuas formas em céleres ângulos, e aos
tolos, vil e indecifrável tremor, que
priva da boca todas as falas, sem
piedade aos caídos em eterno e
desesperado clamor, no anseio de
que um dia digas teus segredos escondidos
em vossos tenros olhos de verde cor.
Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2008.

ALFAIAS DE UM SORRISO TERNO (OU CANTO PARA EIRENE)

I

Em ameno álacre, feitiço lançaste ao meditar do artífice
que no desertar de suas letras à pena habilidade esqueceu.
Adido ao distrair por alabastrino refulgente
emanado dentre vossos ternos lábios, a
tinta de seu universo em motu próprio ao
fiel poeta nem mais uma gota verteu.
Na beldade de perfeita simetria, cegas meu
horizonte legando belida névoa a olhos em riste,
mas ávidos de lutas que há muito a última
vítrea lágrima singela escorreu.
Emanas de teu hálito sopro sutil lufada,
prenúncio de lúdica borrasca às resmas
e pergaminhos, sudários do grande atril,
palco de titereiro etopeu.
Na orla de negros cabelos trazes a
refulgente dança no compasso da
pertinaz brisa, arremetidos como regentes
da grande epopéia d'um poente corifeu.

II

Da fresta de éreas almeias, sentiu-se nobre candura,

inocência posta à calma que aos caídos, se malditos,
consome-os em vossos ordálios por suas concupiscências.
Mas a briosos paladinos em aclames das justas de suas
honrarias, coroa-os pela fidúcia lide cruzada
sob o mantel de vossas reverências.
Que contra a massa de desafamados,
bateu-se gloriosa carga sob clarim de
vosso nome gravado ao pavês legado
de merecidas indulgências.
Os pálios de Atenas destarte se erguem,
embevecidos de sortílego soro que exalas
de teus perfumes, meros cicerones,
bedéis ao sândalo de teu sabor em tão
amável pele de angélicas inocências.

III

Mas assustas num átimo de felizes trovas
ao impelir força às perras bisagras das
portas de esquecida catedral, refúgio
de amedrontado cantor.
Que dos arcanjos coros banido
fora em livre queda como um aríete em desgoverno.
Célere raio jogado por terra de gris arval,
ei-lo desasado em lancinante dor.
Couto de santos combalidos,

impotentes ante vagas de carnéas
pústulas e escrófulas, volvo de náuseas
aos aflitos que anseiam ali eflúvio louvor.
Chegados de muitos cantos, famintos da
centelha da vida, em andrajos bretangis de
antigos cafres, esperam aos vestíbulos anfitriões,
elegias de som apaziguador.
Algo de amiúde crença do que há mais belo
entre delicadas flores de remisso jardim
por muitos ultrajado na impiedade de protervo saqueador.

IV
Se te pareço em meus ofícios aos
labores deste poema um pouco prolixo,
incauto visitante, pergunto-vos doravante,
qual tesouro se deixa ao patíbulo da fé, em
desdém no alcance de qualquer relaxado mendicante?
Então qual beleza de uma mulher seria
de tão fácil a proclama?
Dizei-me, oras , onde achaste provérbio de vã filosofia
ou tresloucada teologia de insano informante!
Pois não há profundo na Terra que se
compare ao fitar lúbrico da apaixonada querência,
presente de deuses às mortais de mundo esfuziante.
Adorno único, inveja de deusas de eternidade

contrita, mas de secas pomas, jamais saciam
sequer o mais prematuro infante.
Portanto, vos advirto: não se acha
respostas deste pulsar nos astros urdidos,
no marear das agulhas de norteio,
nem tampouco na balestilha ou
aprumado sextante.
Pois nas alfaias de um sorriso terno,
derribei de Júpiter afiançada égide de minhas forças.
Em descanso de pesado morrião e às
margens deste rio deitei-me errante.
A fim de que um dia, aos termos entenda
do motivo deste encanto, arvorado de meus alvitres
desta louca desventura de Quixote degredado e vagante.
Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 2009.

A ROSA

I

Confio-te a rosa.
Aquela que não morre, nem se enegrece
ao contar dos dias e suas matérias.
Não se liba da saiba seiva inodora e sem cor,
mas na ébria contumácia do vertido d'alma,
d'estro de todas as elegias e suas artérias.
Impulso dos lúdicos atritos em cárneos desejos
imersos das chamas vis, ardidas expelidas de
drago fôlego, sem fobias e suas pilhérias.
Não se detém ao pífio de roucas vozes
no anseio do fim, em núncios eivados
de perfídias e suas lérias.

II

Lanço-te a rosa.
Não a de verdugos fúteis campos,
indulgentes de infausto descontento destino,
trazidas sem bué.
Arrancadas no soer de seus belos despertos
de sua magnificência, libelo de incauto
desalento combalido, contritas sem fé.
Que não se curva aos ímpetos ventos

da falsa vivente de mero simpósio,
lauto desatento desvalido, banidas em jamé.
Portanto...

III
Canto-te a rosa.
Não as de arranjos às mesas comensais,
como reses punidas ao ordálio em cupidez
de cortes eflúvias e solúveis dos rudes homens
e seus insanos ritos.
Instados à toleimas de cismas senis,
malditas no esposório de lúgubres matrimônios,
festiva de secas faces cúpidas em seus panos puídos.

IV
Porém, destarte aqui advirto-te:
se à rosa ferirdes, qu'é única e
desfalece no toldar de tísica humana maldade.
Que em passos desgovernos prega o descaso
e em saltérios declama iniqüidade,
esquecendo que a rosa, aquela que não morre,
reclama piedade;
verás o render ao curvar não da física morte,
mas da vil imposta dor ao que ama em verdade.
Rio de Janeiro, 08 de abril de 2009.

INVERNADA

I

O meu sorriso esqueci nas velhas fotografias
de distantes sonhos frágeis, infantes e inocentes.
Que caídos da própria sorte ante ao alvorecer do ímpeto
de meus Sóis, em fustigo medonho no espargir
de suas luzes incandescentes, calou em cinzel
amargo minhas resmas e seus poemas ávidos
de elegias contentes.
Condenando-me como alma purga ante toda morte.
Banido ao deserto de meu estro sob manto andrajo
e estigma da grei de anjos impudicos indecentes.

II

Onde está meu gris batel?
Onde está o ardor de minha feliz jornada?
Já não mais vejo as cores desta melodia,
dossel de minha noite conturbada.
Mas ouço agora o trom de vis tambores
no retumbar de marcha à falange depauperada.
Instada de esperança, pálio de puídas sedas,
símbolo de minha invernada.

III

Em negras arcas desta capela, ao sótão
de minhas lúdicas lembranças, encerraram-se
os anúncios de solitários campanários fazendo
deste à fé, desafortunado adido da desesperança
de que um dia veja ao redor do jardim, as flores
que outrora murcharam no ardor de insana
cupidez dos que ao acinte açoite condenam os cantos,
sentenciam a melhor dança.
Eivados em belos trajes e vestidos que aos
olhos da vaga leva turba sortílega falsa bonança.
É calar o postigo no seio da amada,
prostrado à poeira daquilo que foi um dia chama,
mas hoje cinzas sem lembrança.
Rio de Janeiro, 12 de julho de 2009.

SORRISO

I

O que se faz ao sorriso que esmaece à
tarde fímbria das luzes do apagar de tenra chama?
O que se diz aos olhos ávidos de uma vida,
permeados do brilho de uma esperança
que no peito arde de nobre dama?
Pergunto-te, estúpido cárneo,
sobre tal entrevero desta aporia
que me corrói os ímpetos, cerram-me os punhos
da mais louca, despida e insana, nos louvores
da cúpida doçura de toque aos lábios ázimos
ardentes genuflexos à memória de
tudo que inútil se diz e se proclama.
Nas tristes vagas da correnteza
incessante do pequeno veio deste aflito,
no anseio do ouvir das vozes, enfim, o
que se é ou o que se ama.
Rio de Janeiro, 20 de setembro de 2009.

SYMPOSIUM FLORAE
(OU EXORTAÇÃO AO INCAUTO)

I

Aedo - Lego-te, oh! rosa, aquela que não morre ,
o instável sopro de completas estações.
Cada uma deste ciclo que se repete aos assoreados olhares,
mas raras vezes aos famélicos corações.
Percebes-te qu'ao frágil toque de velutinas
rubras pétalas, estremeces tuas inquietudes no
ávido anseio de cálido suspiro, denúncia de rijas
pomas e derribados torreões.
Pois à fresta de tua maior segurança, acampou
quieto o cavaleiro, lasso e exaurido de
inférteis cruzadas em desertos rincões...

II

Cravo - Oras!
Disfarce do artífice de ébrias letras, não vês?
Malabar de férreas penas e manchados mata-borrões.
Pregador mentecapto da única boa sorte
ante real mundo de esquisitas verdades de
convencimento vazio, mas de destilados ferrões.
Como pode mer'alma lutar contra diabos,
clavígeros, arqueiros e invictos campeões?

III
Amarília - Não se dá a beleza em
sua majestade às nobres damas?
No que se impreca laboriosa ação que
ao peito insufla atoleimada azafama?
Que despreza os ritos, ultrapassa as vontades
no anseio do sorriso eterno inimaginável,
mas permeado de esperança.
De certo louco é.
Um desavisado viajante na espera das
vicissitudes de tal empresa, lene sombra e lide bonança.
Pois, jamais, por minha coroa, vi alegria
plena nesta aventura esquecida e sem fiança.
Que aos amantes tudo é paz no caos de toda guerra,
lançados numa doce e cortes dança.

IV
Lírio - É sem lógica ou explicação
tão perigoso sentimento que não se dá
aos sábios juízes ou entre todos os mais aflitos.
Pois não cai aos malogros do correto entendimento.
É mover sem direção em Norte invertido
nas cartas que o homem aqui deixou na crença
d'algum conhecimento.
Miríades foram os que neste vôo alçaram,

mas poucos de tantos muitos vivos
voltaram sãos e sem tormento.

V
Rosa - Já que ouvís de outras flores
núncias e proclamas, doravante, eis
que novamente vos adverto: dura é a
empresa de tal valor aos que enfrentam
os ardis espinhos em descabida jornada.
Então, lembra-te: que seja do mais belo;
do mais sensato, não se achega aos périplos
nem à minha enseada, batel cúpido e
eivado dos versos dos viventes desta terra
de mortos de felicidade encerrada.
Somente os puros aqui suportam os pespegos
de bastos cardos no anelo de uma eterna morada.
Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 2010.

RAREFEITO

I

A mulher mais bela, o beijo mais sincero;
dá-nos ao acaso de um dia neste mundo conhecer.
O sorriso terno d'alma amada e o lene
toque de seda pele, aos rudes toques
procuras intrépido homem ver.
Mas agruras e percalços da caminhada
distam de tua jornada, aos risos calados
daquela que um dia ousou em seus braços ter.

II

Adido da carnal feição humana, ouça-me.
Tolo o que anela a etérea beleza das faces e
não se aventura no abismo de faina incógnita
que, legada às contas de torpes adivinhos e
glaucos mandracos de bronze, cumpre os
dias em calor que emperra o postigo ou
chicote ao lombo que o escarnece em cada
fustigo, em prantos arrancados às
estrelas e toda infinda órbita.

III

Enfim, que mesmo em silêncio, o
sabor de végeto beijo, canto de privado anseio,
posto a insensatez dos atos de frívola juventude,
não te deixes por encontrado aos tísicos
de coração amargurado.
Pois amar é, por si só, um evento em toda
plenitude daqueles que não se escondem no
aconchego de tuas alcovas, mas pelejam
nas plagas do sentir, ímpetos das mortais vicissitudes.
Rio de Janeiro, 09 de abril de 2010.

MORENA

I

Como é triste ver a morena sentada na
escada, esquecida em prantos de uma
lágrima copiosa, tísica, mas de prata cor,
que refletida aos candelabros do que
folia se foi ao seio de pele sedosa.
Deixada sem rumo na lide da rua, aos
borrões da fantasia que à baga desmanchava,
ostentando aflita frágua, ei-la em desbrio e desgostosa,
pequena morena que agora seguiu a vida,
esqueceu a escada, voltou a ser formosa.
Rio de Janeiro, 9 de abril de 2010.

ESPELHIM

I

Amar é sublime dança ao ressoar da
escuma de belas ondas qu'ao espelho de
febe refulgente, calam a dor intermitente de nossas
mágoas na insípida água.
Anseia silêncio ao contemplar antigas faces de
passados em telas cansadas, permeadas
pelo sorriso doce, pleno em eterna frágua.
De calor refulgente, examinando contornos,
saciando sede ao belo de seus lábios tênues,
sabor em mel de graça regente
que d'alma fúlvida deságua.

II

É porventura este, uma grande falácia
ao peito que o ressoa inocente?
Na retumbância de seus infrenes impulsos,
diverte-se impudico arredio sem razão coerente.
Atravessa a carne em riste, lança no ímpeto de
seus apelos inúteis contra o mundo decadente,
esquecido do ritmo, preocupado com o tempo ante
a tormenta ao pequeno que insiste em apelo sorridente.

III

Esquece a bravata, encerrilha da
espada seu mais profundo corte.
Contenta-se com pouco das agruras e achaques,
faz-se míope ou mouco adido da boa sorte.
Conspira do oriente, certeza de um destino premente,
fiel sufista de algum vero Norte.
Pois, para amar, não se aflige ante temor.
Quiçá pavor que se faz pelo mais forte.
Porque tudo esvai na vida para aquele
que não ama como flores ao féretro que
não mais clama, mas sempre o lembra da morte.
Rio de Janeiro, 15 de abril de 2010.



Kubernétés

Certeza é uma palavra de incerto significado.

ADMOESTAÇÃO AOS PEQUENINOS

I

Os deuses vêm e vão.
Suas promessas esquecidas sempre são.
Pois se entende que aos mortais distantes estão.
Apresam aqui suas reses punçando suas iras de
um insensível imortal coração.
Eivando a carne às pústulas de ímpeto Ares no
cumprir das guerras como divina diversão.

II

Carecem da morte e, por isso, arremetem celeumas
e pragas aos que por espirros detêm a instável vida.
Areia esvaída de vazias mãos em aflorados calos à
contumaz espera da última partida.

III

E se pensas que, enfim, os que foram,

deuses serão, esqueces da cupidez dos
senhores do intransponível panteão.
Nem aos anjos se deu direito ou não.
Te lembras do caído acusado de preferir a perfeição?
Tornou-se adido da rebeldia, trovador da loucura,
arauto da perdição.

IV
Os deuses libam-se de seus sagrados licores.
Aos mortais contenta-te com o azedume fastio,
aquiescido por sátiros vapores!
Pois nada nos é dado por doce dos céus, que
nos renega da felicidade e dos santos humores.

V
Mas um dia, os deuses por tua porta entrarão.
Alicerçados na porfíria de tua alma, sob a
égide de exígua mortalha o convidarão ao
contínuo de choldra vivência entre os grandes,
como tisno bajulador, almocreve, quiçá,
diminuto escanção.
Pois os mesmos sabem do poder que tens,
mas inábil de atitudes ante gigantes, humilde
se faz como tolo mandrião.
Esqueces que tudo ao teu redor,

cousas insípidas, são calhamaços de mil rabiscos
de tua lúdica e sofrida imaginação.
Pobre menino, não acredita neles, não!
Faze-os, sim, comer na tua mão.
Rio de Janeiro, 12 de maio de 2010.

MANUMISSUM CORDIS

I

Escrever é manumissão, dedicada ao
cansado colo ante vélites ardis impostos
nesta vida a sôfrego coração.
Lembra-te, poucos são entre os muitos
vagantes em vão, que acendem o velho farol,
lume do poema, testemunho tácito de resmas,
penas e mata-borrão.

II

Quebra o silêncio na melodia dos rabiscos.
Preenche das agonias em fantasias
frívolas o abraço vazio dos que amam
por simplesmente amar.
Mesmo que à noite a solidão vos alente
às lágrimas de um mar bravio.
Batendo galé à quilha impetuosa de
teus impulsos aos perdidos olhos a quem
teu sorriso esboçou contra o infame vento frio.
Adido às escotas de tua insalubre esperança de
que suportes contestada viagem, afiança
pudica em teus calabres de puído fio.

III
Destarte, só termina o ardor de dança ao
pátio dos estros da pena posta à arte,
quando calam da boca dos anjos os sacros
hinos anunciando as novas de tua grande parte,
eternizada aos aflitos, contemplada por estrelas,
saciando-as de todo sabor até que, enfim, o
infindo de vez se farte.
Rio de Janeiro, 21 de maio de 2010.

As convicções nos são úteis não quando nos protegem de conhecê-las, mas quando nos permitem observá-las pelo lado de fora.

FRASCO

I
De tudo que é mais belo das pétalas
de rara rosa, num sorriso assim se deu.
Bela que ao cair da tarde refulge a cura de
meu pranto naquilo que minh'alma mui anela.
Sonhos de um artífice etopeu.

II
Cerceado por falsos faunos entre cedros
de ríspidos caules no caminho em
adevão, onde versejam os corpos na
dança fúnebre, ária de torpe *allegro* aos
repiques de desalma flácida multidão,
no anseio dos santos poucos, de
ouvidos moucos, lhes olhem com
celeste vontade sobre o toque da mansidão,
ou que ocultos labregos e coxos zarapelhos
lhe dêem jugo como reses ao érebo
de loucura e confusão.
Mas assim mesmo, descanso de mundo
pálido de fome, sem licor, ao fraco nem
sequer um pedaço de pão.

III

Cansado de tantas paredes, de esquecer da beleza
ao que se vê nos prados em incontável vez.
Dos risos esquecidos da antiga pintura
ousada ao peito em degredo que
outrora fulgente, sempre o fez.
Hoje um preterido da noite em ninho bardo
condenado ao ofício de lasso endez.
Porque sempre os que ficam são os monstros?

IV

Pois ante a caudalosa maré, em bravios
infames de minha raiva alcei ímpeto de
treva cólera que aos brios atravessa
impudico soturno, sagrada faina que
há muito banido deixei.
Diante dos périplos em desventura às
escotas e perros moitões de melódico
rilhar, que naquele mar usei.
Ah, meu rubro vértice!
Não tenho medo de ti, mas de mim, não sei!
Capelo da casca cárnea de pústulas vontades,
padrão às bélicas praças que um dia,
gesto impávido, sentei.

V
Perdoa-me a falta de senso.
Severas, talvez seja me dado aos
Excessos de lúdico incenso.
Privo de minhas razões e acertadas intuições,
bruma umbela ao reto consenso.

VI
Mas aqui, diante de vós, eis a taça vencida.
Eco dos risos de minha alegria ensandecida,
vazio de meu abismo quedado às forças de
fúrias d'alma, possuída d'ermas vozes ao
costado que proclamam ante a noite
se é linda como o frasco de nobre nardo,
qu'ao imprudente é essência fugida e
etéreos de inglória infinda.
Rio de Janeiro, 9 de julho de 2010.

A RUA

I

Onde está a senhora que ceifou o
velho sorriso cansado?
Que outrora resplandecia em fulgor
impávido de uma grande epopéia de
rostos futuros como sombras de ermo passado?
Resmas no antigo sótão da senil catedral,
ermida de pífios pífaros de sonho desasado.

II

Pobre poltrão!
Destarte, assistes, enfim, as
primaveras do lado de fora, donde
às migalhas fazes lauto banquete, e a
férreos gradis repouso de carcaça maldita.
Nau de insônias loucuras, pedibunda
por secos mares de sujas ruas de uma
cidade esquálida, ébria de rouca felicidade,
embora turva, ainda é rebelde reluzida
que a tísicos olhares ainda draga o fôlego
de canhestras palmas celebrinas de mais
um dia nesta Terra, aos pobres, desvalida.

III
É um vento que surrupia em fustigo
à espádua tísica e nua, recostada inconstante
ao carpo girante, em seu relento pernoite à
espera de ajuda sem rosto, de ríspida beneficência,
ofertante do mero besante para que se cale,
por fim, severo açoite ao catiço pedinte, ou
que seja do arriar de sua cupidez efêmera,
esmoler do pão saciante ao físico depauperante,
mas ao peito mouco sonido do golpe de morte à foice.
Assim, segue sorrindo à tristeza que sempre lhe consome.
Seja esta de dia; seja esta de noite.
Rio de Janeiro, 01 de setembro de 2010.

A solidão de um ser não é um ser de solidão, ao passo que
os que estão juntos podem estar sós e o que está só, nele,
todos juntos estão.
Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2010.

EPÍLOGO DE UMA ESPERA

I

O que dirá de rosa mais bela?
Posta à prova de dor, ímpetos da humana fera.
Deixou o cádmio, despedaçou-se com o pesar
de tuas lágrimas; assustada com o dissabor da
solidão que a todos engana por espera de parco
epílogo da história, urdido à crença de que
as fábulas são apenas sonhos infantis,
panegíricos d'alva turva de cupidez severa.
Foi nos borrões de desfigurada face ao vante
do que na toleima e ardil sempre lhe impera.

II

Mas a rosa também ficou à esperança.
No anseio de doces falas e amasiados
ademanes de seguros rijos braços.
Ações repelidas ao que as garras lhe ceifaram as
Vozes, calando-lhe da melodia de perfeitos traços.

III

Escondera-se do demônio, surrupio aos ventos,
adentrando a floresta entre ninfas sabéias da antiga noite.
Mas se morta a fera, que será da rosa?

Pois livre estará aos campos, mas sempre lembrada.
Aos poucos esmaecendo as matizes da
ciranda em tela do artista sem pernoite.
Sempre instado ao lamento:
Ah! Quem dera ao encerrado fugir
deste açoite!
Saber ao que bela a flor era em seu
jardim onde o ceifar não existe por
lâmina fria de perra choldra foice.

IV
Porém, lembra-te que ao vencerdes a
Fera, salvas o triste cavaleiro do
lúgubre amar em receio.
Liberta-o desta dor que o arranca das formas
num arremate em chão tácito sem esteio.
Pois, feliz salvo, alenta-o no calor de vosso colo
ardente de confortante mouro seio.

V
Destarte, nem arietes, espada ou morrião;
sequer peitoril alabarda ou bastão,
nenhuma maneira,
estratégia alguma certeira,
sucumbiriam pesado bastião.

Pois o cárdice é seguro pela
mais frágil de todas as defesas:
as pétalas de eterna rosa, que
lhe sara as feridas e torna-o são.
Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 2011.

ARRANCOU

I

Arrancou-me do peito, como a ira
de uma harpia, tão sôfrego encerrado
nos ergástulos de minh'alma, o fulvo sincero
de minha eloqüência, parva de minhas frias noites.

II

Hoje, ao desvelo desta jornada
onde da carne esvaíra todo sangue,
perdi a memória dos prantos que entoei,
das chuvas que desperdicei
no singrar de batel ao périplo
do que ouvia sua voz ao porto,
sumindo, sumindo até que
se fizeram sussurros trazidos pelo
indiferente vento desta soída solidão.

III

Como posso agora vagar sem
medo do escuro ao longo mar
de sua infinitude?
Como anunciar ao cavaleiro que o
tombaste sem da espada riste golpe?

Enfim, como dizê-lo:
Bani-te de minhas sendas!
Encerra-te em teu fim!
Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 2011.

A MORTE

I - O Vespilão
- A Morte, senhora de toda sorte, é a
mais faceira de todas as comédias da vida.

II
É um sorriso de fino trato que
desrespeita o traçado por nós anelado,
ignora da sina tudo que nos foi ensinado.
Entorta o percurso, empena em descalabro
os anseios do feliz no descanso
nem um pouco tão sonhado.

III
Enfim, encerra o ato sem pedir e nem
repor naquilo que macabra percorre,
pois, em tantas faces tuas, dona de
falácias e infelicidades, que nem ao
menos temos a certeza se tu mesma,
se desgastada, morre.

IV - A Dona
- Ao longo da vida morre-se de tudo.
Tem as mortes morridas;

mortes matadas e as mortes inventadas.
Das mortes morridas, sabemos todos;
das matadas, todos sabemos.
Mas das inventadas, só os hábeis
que as experimentaram.

V
Todavia, se tu morres uma vez,
morres pouco. Pois aquele que
uma só vez morreu, pouco viveu.

VI
O amor não nasceu nas pessoas estancadas
d'alma, mas nas que vertem a todo o momento
o único sopro da vida em favor do
que se asfixia do seu tanto "ser".
Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 2011.

ORIENS

Se perdido estava, peito sôfrego, no
marear das sarjetas a rude chuva invernal,
apareceste como lírio aos sabores do cárdice
às intenções de ver sorriso perenal, que
o liberta do pranto, cala os azevinhos
de sua ávida coroa ao sentido tácito e
dissabor infernal, trazendo álacre canto
à serena noite na que faz de profundo manto
palco de ária triunfal, e das estrelas célebres
pausas de cintilante recital.
Rio de Janeiro, 29 de março de 2011.

PEQUENA BORBOLETA

Quando achardes que em teus
olhos secou-lhe o amor;
que tuas lágrimas se desfazem ao
toque do mar à escuma de tua tristeza,
que em rios caudalosos foi-se tua esperança;
porventura assim lembra-te: que nada
é posto à prova senão aquilo que lh'é alma.
Que tudo que almejas sempre é aquilo
que lhe será intensamente arrancado.
Seja nas intempéries desta lide vivência,
ou de expirar de nossas frágeis existências.
Portanto, não te desanimes se, porventura,
a noite privar-lhe o cálido dia.
Disso nada temas.
Eis que após a fria penumbra,
erguer-se-á em teu louvor o espargir
de Sol refulgente, onde sorrisos lhe serão
retos e abraços por sincero apreço.
Assim, delicada borboleta, da
melhor aventura, aprendei; destarte
como este que vos adverte: não com deuses
na amargura de entediantes eternidades,
mas com o etopeu que um dia,

como tu, morre.
A vida é uma só, para que só a
vivamos com aqueles que nos amam.
A vida é muito curta, para que curtamos
aquilo que nos é bom.
A vida é maravilhosa, para que
nos maravilhemos com o que
nos merece ser maravilhado.
Enfim, que piegas.
O vero bardo aqui vos seja, a
vida é dádiva para ser vivida.
Nada mais.
Rio de Janeiro, 26 de junho de 2011.

MARE ASPERA

I

Em teus olhos de mar bravio,
eis que infausto aedo deitou
cecília ventura cansado batel.
Que em descuido desbrave,
lança ao verdor de tua imensidão
de cálida beleza, onde desce
teu lene misterioso véu.
Selo de rara bondade, ardil
aos incautos que na insana coragem
alçaram vôo ao píncaro de doces
sonhos de vértigo céu.
Mas como arcanjos vencidos,
quedaram no desfalecer de tuas forças,
arremessados ao teu atlântico ímpeto,
encerrados no findar de suas frívolas sortes
de pó e fel.

II

Porém, quando à praia avistardes
quebrantado batel, mensageiro d'um
poema teu, qu'em vosso colo,
no arrio dos ofícios de ávida empresa,

humilde aventureiro assim ofereceu,
acolhei-o!

III
Pois, vem da esperança anelo
de seus cantos sentir,
de seu perfume tocar,
ou mesmo teus lábios ouvir.
Assim, releve, suplico, tal
confusa loucura, pois é sentido.
E o que se sente é renovo em cada sorrir.
Quando melodias à alma tocam;
quando perfumes abraçam o lugar que vir;
ou mesmo os lábios sussurrem a magna
candura qu'ao náufrago em tuas águas
tanto almeja ouvir: fatigado poeta, agora descansa.
Podes enfim dormir.
Rio de Janeiro, 16 de julho de 2011.

LUCE PRIMA

E quando se pôs à alvorada, por mais uma vez, olhou ao distante, no embaçar de suas vistas, aquele velho jardim que permanece estéril às canções de senil jardineiro...
Buenos Aires, 10 de outubro de 2011.

VIVAZ EM TEUS VÉUS

I
No além das estrelas do infinito
firmamento do ar que expiro,
que sufoca todo ardor e sofrimento;
no que me dá em belo asseio,
singelo, beijo repleto de sentimento.

II
Vivaz em teus véus, assim escondes ternura.
Não seria leviano posto, incauto
Aedo, cantos de treslouca ventura?
Contra advertências d'almuadem à
moura torre alva, minarete de tua verve
em sussurro à calma, almádena d'aos núncios
de elegias à vossa candura?

III
Pois, assim foi que aos matalotes à praia deixou,
das grevas, pavês e morrião de pesada carcaça desmontou.
Vosso bélico quebrantado alfanje,
a ti em singelo presenteou,
no que aspira da eterna desventura,
em lene colo de suaves pomas

um descanso achou.

IV
Destarte, apeia à confiança qual, cansado poeta?
Anelas o que não se toca com mãos ressumadas
do ardil de tuas faltas, nem sequer
atende ao ímpeto sátiro das mamparras
desta gente desalumbrada?

V
É por hoje certo afirmo, nobre dama,
que na mística de teus olhos o aljôfar
as noites, escondidos aos andrajos de
cárdio talim, perde e seca.
Esquece a frágua lide de tolas vicissitudes
no toldar da eterna tarde em tuas d'alma janelas,
portais de maravilhosa era onde a pena escreve às
resmas sáfaras, letras longe da decadência vil de similitudes.

VI
Todavia, atentai aos ritmos de eflúvios etésios
desta jornada, onde turvos almocreves,
adidos do menoscabo, instam a esperança à
caudinas lançada, tornando todo elóquio vã tentativa
em vil borrasca sem rumo, sem nada.

Assim, nobre dama despede humilde bardo trovador,
a fim de, outrossim, voltar a escrever a caminhada.
Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 2011.

PLUVIAE DIEM

I

No que tudo era de prata
e celeste lágrima cinzel,
assim se viu a tarde dos olhos do poeta
em tão ázimo firmamento dossel.
Dissabor das eloquências de palavras
que ao terço de pagãs orações alçou pena
ao pulso cruor de errante menestrel.
Este que insta entender quais das
palmas de teu alento é candura que cura
da carne a morte fel.
Servindo ao teu escanção, que põe aos da
mesa, deuses, ao primaz assento,
sagrado licor de puro hidromel.

II

Quantas das gotas a violenta tempestade,
em cansada alva fronte, como fragmas ardis,
sim, vis, sobre ti caem?
Quantas só a ti levam em meio ao
revolto espelho das ruas úmidas em que
poucos insanos ou corajosos saem?
Contar nos dedos não seria valor, ou

mesmo o tempo de quando todas secam,
ou da face túmida evaporam, se esvaem.

III
Assim vos digo que no toldar da tarde,
na tímida despedida da estrela regente,
encontrou abrigo, conforto carinho, nos
braços de mais bela mansidão, qu'aos fainos
olhares não se enxerga, não se vê, nem sequer se entende.
Que mais frondoso é o belo que não se escurece,
nem ao mau lh'é servil condescendente.
E, sim, a leveza de entalhado andor,
arauto guardião refulgente do mais
insepulto dos cárdices mendicantes,
atoleimado no vagueio das palavras esquecidas
por um mundo cínico, inconsequente.

IV
Assim, deitou sorte sem temor de sair
em confronto do vil bastião ou forte.
E guardes o que aqui se reporte.
Em tais cousas, não há Sul nem Norte,
revés em toda gama de humana sorte,
em desvelo doce, pulsar sem corte.
Assim, adverto-te também: não se importe:

Ao sentir deste, esquece teus comedidos
ritos. Apenas não se comporte.
Rio de Janeiro, 02 de janeiro de 2012.

AFAGO
AEDO

O que não faria, o que pela rua de vidas,
nua, enternecido, vaga agora para tê-la;
a proclamar-lhe intensamente sua?

CORO
No apreço da lene voz em sussurro ouvir.
Embora as distâncias me condenem ao
peito das ausências de teus afagos aqui sentir,
e do algoz tempo que não passa no que
conspira ante anseio de ver-te perto sorrir.
No que espero riste ávido por teus lábios, e
aos olhos de profusa chama o cálido reluzir
de teu esplendor e felicidade, que remetem ao poeta
às penas tombar, de joelhos perante ti cair.
Atenas, 28 de janeiro de 2012.

ESPERADA HORA

A hora demora; demora a hora.
Não devia demorar a hora.
Pois anseio de tua chegada, a hora.
Embora demora, esquece a hora.
Porque se lembras que ela demora,
volta o anseio de que passe a hora
a fim do chegar aos braços a quem
tanto espera, a quem tanto adora.
Destarte, que hora é agora?
Creta, 02 de fevereiro de 2012.

AMICALIS

Num mundo eivado de azedumes,
esquecido das virtudes de preconizar
o ser e não se intentar com o leviano ter,
mais raro é o sincero e honrado nas
atitudes do porvir da vida, do que
a cupidez do érebo castro encerrada
nas ações efêmeras do homem contra
sua própria espécie.
Rio de Janeiro, 20 de julho de 2013

DUO

Das noites fráguas que vivi, poucas de
muitas mágoas que sofri; agrilhoado guardei.
Mas não te ires, pois duro é o ofício na
rinha da vida, onde escarpas do opróbrio
ázimo d'alma venci; empedernido escalei.
Não te ofendas, pois, aos mares que
devoram os que temem batel.
De forte proa desci, venturoso naveguei.
Na exaustão dos braços às escotas no ressumar
às mãos de cárneos calos, sei que às praias
de teu colo adormeci. Enternecido abiquei.
Deveras as desventuras de tanta loucura,
nomeada senhora da morte pelos de toda fé
desgarrados, ofegantes réprobos a se
baterem à última muralha, sejam reais aos pobres
de cecílios cárdios desesperados.
Afogando a esperança do socorro aos anelados lábios,
tirando-lhes da tortura por Eras, esquecidos condenados.
É aqui seguro porto aonde cheguei.
Rio de Janeiro, 27 de novembro de 2013.

PEQUENA MORADA

I

Não é o tempo que se vai, não é o tempo que se tem.
É o tempo que se vive com aqueles que nos amam,
sentimento terno qu'ao peito se detém.

II

Se há na Terra calor maior contra sagitas
de vil Hélios, na magnitude de soberana arqué,
impõe aos astros severa maestria de mil evoés.
Da tarde ríspida, quão maior seria de incautos ventos
núncios do que ora chove, profetas do que ora chora
e no que cessa azorrague de lancinante brasa
à vergasta do descontentamento.
Daí o aedo achou véu de boa acolhida contra o
grande pálio da noturna rainha da noite.
Aonde Febe conduz os sinais da melodia de
Luz, no anseio de ao aedo transpor tisna carne
até o cárdice pulso que recusa a dádiva que seduz.

III

O aedo encontrou puro hidromel,
saudável queimão e lene pão, onde
os deuses só impõem seu escárnio

à mortal existência trazendo a servidão.
O aedo encontrou calma onde sortílegos
taciturnos trazem o vazio posto à palma.
Assim, o aedo vos adverte:
o único lugar são de infindas terras livres
que transborda real mansidão.
Não está nos píncaros do firmamento,
mas no singelo e frágil amado coração.
Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 2013.

A visão distorcida apresentada por um fundamentalismo, seja qual for, é tão perigosa quanto a corda amarrada ao seu pescoço pelos mesmos que lhe convenceram da utilidade dela em te proteger do cadafalso aberto.

PASSIONE

I

Paixão.
Láudano que entorpece os
vazios d'alma na insanidade
frígida da vã tentativa de ser racional.
É cárneo impulso repudiado à pudica face,
desejado pela lasciva vontade ao toque
macio à pele. Intencional.

II

Sabor perene de cada segundo é
perceber os sorrisos teus
refulgentes aos elícitos (ilícitos???) olhos meus.
Sorrisos tais, repletos d'alma vivaz de meu fôlego.
Tu, que sutil passeias pelo jardim de elísias floradas,
vivenda de amornado leito ao poeta, dá-lhe
abrigo em vossos braços.

III

Esperando no anseio de minha mensagem,
assim futuroso, penso: quão ávido cárdice
pulsa entrapado por tuas pomas em busca do alento.
Meus olhos já não olham mais se não for pelos olhos seus.
Quem seria digno de dominar a imensidão de todo

o mar imposto à lide de vosso peito conquistar?
Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 2014.

A COR DA TARDE

I

Olhos d’um cair da tarde,
de um pôr-do-sol diferente,
daqueles que aquecem ao peito
o impulso que arde, deixando-nos ávidos
no anseio do novamente.

II

Será por hercúleo esforço, não ver
hoje pelos olhos seus.
Tornar-me-ei assim cego por então?
Eis aqui meus olhos.
Já não olham mais se não for pelos olhos teus.
Pois quando aos olhos fecho, os meus,
doravante olho com os olhos teus.
No que meus olhos já não olham mais
se não for pelos olhos teus.
Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2014.

LAMENTAÇÕES DO ARTÍFICE DE LETRAS

I
De que vale ao artífice toda arte que
lhe verte da essência de rude mão
quando, pois, não recebes o prêmio
enfim dedicado ao colo que
outrora lhe deu abrigo,
lhe salvou de uma prisão?

II
De que vale toda tinta em suas
álacres cores que debulham o
suave tecido de tuas vestes ao
reluzir de cálida manhã, em duelo bailar
ao regente Febo e sua luz, se apagas
da alheia vida e lança-a a mais fria noite,
aturdida pela indiferença doesta?

III
Antes sangraste a verve num
último ato de tua escrita do que
essa loucura no que agora alguém
à soturna lhe ri as faces, como um palhaço
que verte da dor na solitude do picadeiro

com a borrasca aos olhos, antes vívidos,
agora cansados de tanta maldade à platéia
que o ovaciona mesmo triste, pois
crê que tudo não passa de uma grande
pantomima do arteiro.
Que mesmo envolto na inversa paixão,
rege a valsa do respeitável público no
insensato circo de suas ações de gélido braseiro.

IV
Segue ao espelho no que retira
sua melhor personagem para o gebo
retorno à real condição de patife.
Pedibundo em escuro à espera do nada, às
janelas de alma aprisionada em limbo esquife.
No que só atende a chamada de teu nome à
marcha de seu último palco, espetáculo
de tua transgressão sem broquel,
pala ou nobre paquife.

V
Assim, no que intenta as vagas de
nossas atitudes, amor é palavra criada
pelos que cegam os pequeninos.
Ou dos que acendem ao lume expurgo

de suas crenças, entoando sacros hinos,
badalando brônzeos sinos enquanto
o artífice só respira o que lhe resta: assistir
da sempre mesma platéia seus pérfidos risos.
Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 2014.

Mais honrado é o sangue às mãos vindo de ressumados
calos de teu esforço, do que dos milhões que jazerão
diante de tuas ignorâncias.

VERAMENTE

I
Sou só uma mentira bem pregada,
uma verdade desnivelada, apresentada
pelos espelhos da vida.
Alguém das promessas não cumpridas,
das falas sem travas, de prosas
sem adorno e desvalidas.

II
Do peito em claustro e fel, que por dentre
as frestas obriga a fronte a saudar todos os
dias ao firmamento de nuvens tangidas da triste
conseqüência de tudo que se disse e não.
Pária esquecida em tais dissabores d'alma,
contrita às sombras deste lume na doce sã ilusão.
III
Do advertido peregrino na incauta vontade de transgredir.
É quando percebeis que o sorgo cegou terno,
conspirando-me a toda sorte, que a passo falso
perde-se o rumo e herda-se o inferno.

IV
Do aceitar que todo caminho

se encerra onde começa outro.
Mesmo que às rochas culmine ou ao
fosso se depare, é mister ao entendimento
que sempre há uma forma de seguir.

V
Da vitória com sabor das
Derrotas que a precederam.
O caiar do meu sepulcro ao pranto dos
impostores a tingir célere esta morada.
Rio de Janeiro, 10 de abril de 2014.

A desgraça que se faz de graça é engraçada mesmo
quando a graça custe caro ao desgraçado.

PERFEITA IMPERFEIÇÃO

I

Aquele que almeja o amor mais que perfeito,
cumpre notar tão desavisado aventureiro:
Amor, por mais perfeito, imperfeito este será.
Pois amor, por amor, à danada perfeição
nunca contente fará.

II

Amor é um segredo mal guardado,
de porta sem bisagra encostada sem
ressalva no descumprir de sua inútil função:
de esconder ao mais recrudescido cético as
canções despreocupadas de noturnos amantes,
em recitais de impúdicos bichancros e
resfolegados ademanes atoleimados
nos afagos da paixão.

III

Amor é candura esquisita,
que devasta a fome de vida,
que não anuncia a chegada nem
adulações requisita.
Apenas aguarda o tempo da

amada vindima ao calor febril,
primal torpor de uma jornada
que pela manhã cálida termina.
E tudo domina.
Rio de Janeiro, 08 de maio de 2014.

Os atoleimados se lançarão ao abismo de mar revolto; os incautos se precipitaram à loucura na praia; os justos sentaram-se à sombra a espera dos bons ventos.

MISSIVA CORDIS

I

Teme-se o vento, mas sempre
se esquece que é o tempo que
se teme a todo o momento.
Contumaz caminhante contra o incerto,
temido contratempo que à fresta d'alma
penetra sem consentimento.

II

Vento que cúpido ceifa dos mais
belos cabelos os arranjos de sedosa guirlanda.
Ilude-nos ao temor do sáfaro sussurro,
que assim o passa num constante giro
de uma incessante ciranda.

III

Pois conheci dos deuses a facécia de
suas prosas, ébrios reclames da propriedade
do que se entende por amor.
Então, advirto-te pesado coração contrito:
Amor é carne. É sangue.
Por certo, morre.

IV
E assim, porque de tão frágil se esvai,
os deuses desconhecem;
os heróis não entendem,
e os mártires o abandonam.

V
Amor é urgência ao calor da vida.
É se abstrair da promessa eterna das
mentiras da pretensa imortalidade.
Pois, deveras, só ama o que das
glórias se abstém e dista teus ritos
dos cantos da iniquidade.
O que respeita cada suspiro de gozo
ao toque da pele à relva da manhã,
cerrando a saudade.
O que acorda antes da amada a velar
venusta noite onde vossos corpos,
à jactância do espírito, deixaram-se
sublevar de plena felicidade.

VI
Mas esse mesmo amor,
aquele que encerra o ato,
a triste sina do fato pelo qual

todos são confrontados,
é renovo ao campo dos descansados.
Deletério de doce alma que
na luta reconhece todos os
que chegam sofregados.
Assim, contrito esquece a ausência,
confunde presente com passados,
assenta presença à companhia querida,
a fim dos carrilhões do destino
se derem por cessados.

VII
Talvez seja por estes intentos, prezado amigo,
o caminho que persegues tão arraigado.
Rio de Janeiro, 15 de maio de 2014.

PENTE

A gente sempre tem que ser contente,
mas quando o cabelo não vê pente,
nem tente.
Rio de Janeiro, 15 de maio de 2014.

APRENDE

Aprendi que quando
desaprendo, aprendo.
Pois na lide desta vida,
desaprender o que foi aprendido
é bom para aprender.
Desaprendendo tudo que não
te aprende, não desaprendendo
que o aprender também desaprende.
Rio de Janeiro, 17 de junho de 2014.

Há momentos em que os brados dos insanos serão tão
uníssonos que o sussurro da sanidade pode sair pelo avesso.

PALAVRA E ALDRAVA

I

Papel sem palavra é porta sem aldrava;
espera que nunca chega; paciência que se extravasa.
É desistência no íntimo anseio de quebrar severa trava.

II

É frio gélido ao canto d'alma pia,
inércia contrita de pena restrita à secura
de tua tosca mania de crer que todo a tudo copia.
Te advęrto, cecílio poltrão: é da palavra
que nasce. Sem ela nada se cria.
Pois num mundo sem falas, seja de
ademanes e gestos ou mesmo um
olhar de harpia, soberana palavra é.
Senhora a qual o homem cai e também se fia.
Rio de Janeiro, 29 de junho de 2014.

Feliz é o homem que nas sementes de seu passado colhe
os frutos da lembrança saudável no presente.

RES BELICA

Nos tempos em que a ausência de
um nada representa um abismo à totalidade,
onde os que nada pensam tudo falam;
os que tudo sabem, pouco entendem.
E os que pouco conhecem não se lembram.
Prefiro inclinar-me à insignificância rebelde da poesia,
onde o impossível é só uma tira de sílabas e a
verdade uma mentira fantástica em um
imaginário de um eterno sempre recente.
Rio de Janeiro, 21 de agosto de 2014.
Foi tentando desacreditar de si mesmo, que assim
ergueu ao entendimento a crença inventada para si
como forma de acreditar em algo.

SAUDADE

E a saudade? Matemo-la.
O único cídio irrestrito ao coração humano.
Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2014.

THE LADY OF THE LOFT

And that goddess of your youth
that so blindly worshiped
you threw rocks in the cliff
sinking boat into the sea
an offer to your lust
in heavy tiff.

Today your weak eyes
aim at the campfire
beyond the croft
of the purge your sins
where there is no more sacrifice
the hands of his captor
the lady of the Loft.

years until they close
this fate gnaws you the guts,
weigh your steps
the increase of thy Golgotha
pain in your chest a weary heart
waiting for redemption.
from all the rest

but, on the rocks where I shipwrecked
I found my way which lifted
me from the top and hurled
the demon of my church
and finally my sleep was hot

Do not forget the Lady of the Loft
that the rose, fast mowed
hurting unwary on your
mantle of night a life of lies
from who never loved
the Lady of Loft.
Rio de Janeiro, 20 de setembro de 2014.

RESMAS & BORBOLETAS

Por tão frágeis os momentos nos são, que a
qualquer toque,às asas desta borboleta, quedam-lhe ao
[chão.

Por mais suave ou desavisado que seja,
arremete-a ao opróbrio da privação da alma
a um mundo visto de baixo.
Assim sendo, mesmo alegres ou sofregados, escrevamos.
Na esperança de vôos eternos,
liberdade à imaginação de nossas vidas etéreas.
Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2014.

Quando os juízes de uma sociedade se mostram doentes, é sinal que a epidemia sobre todos de tal enfermidade é inevitável.

SISO

I
Quem muito sério fica, não assiste seriado,
acorda sisudo, reclama do fato, sempre desiste de feriado.

II
É pecador de si mesmo,
adido de cúpida maldade.
Cárcere das próprias vontades,
onde a maior mentira é
sua melhor verdade.
Algoz de sofregado peito,
armorial dos sentidos,
petição de sua alma à liberdade.

III
Esquece da palma, do choro e da calma.
Não olha para as cores, não canta em voz alta.
Não sabe o que é flor; que o espinho
de uma rosa pode ser uma boa dor, se colhidas
pelo intento da missão à ordem de um amor.

IV
Qu'é aventura de grande porte,

incauta dos perigos de toda sorte,
sob efeito de adocicado torpor,
que ignora até a morte.

V
Matreira senhora desapegada aos avisos,
cobrança sorrateira de velha penhora,
suste de toda eloquência e dos passos
de sua maturidade priva a rebora.
Rio de Janeiro, 10 de outubro de 2014.

A paciência é uma virtude que nos ensina a arte de se utilizar um conta-gotas.

RECÔNDITO

I
O amor, às vezes não se achega à paixão
recôndita ao sofregado peito do sonhador.
Antes cala a vontade do brado abismo de suas
insatisfações como um impetuoso capataz, vil feitor.

II
Não se compadece das lágrimas vertidas
no despedir de uma última rosa deixada
no frio sótão de velha capela.
Num dia que já festivo foi, hoje data de
rabiscos e fragmentos d'um falecido tempo encerrado
às lembranças esmaecidas com a rosa, aquela.

III
Ignora o sabor de um doce ósculo ébrio
da boa luxúria de um corpo ardente lançado
às caldinas em sussurros e gemidos de
idiomas pagãos ao pudico descente.
Rio de Janeiro 02 de novembro de 2014.

Pois das vicissitudes e ações humanas e todo sentimento, só o
que fica são as letras de palavras doces de imemórios poemas.

CATA-TEMPOS

I
O tempo é um aperto no comprimento,
um acerto no movimento,
um desconcerto no conhecimento.
Tão comprido no apertado,
movido naquilo acertado,
conhecido por já nascer desconcentrado.

II
O tempo é um mágico faceiro,
famélico, famígero e farreiro.
Que seduz toda alma, que
arrebenta toda calma, que
suporta toda palma no
desvencilhar de cíclica obra
de encontrar no tempo o tácito matreiro,
facécio clamígero sorrateiro.
Tempo.
Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2014.

HODIERNA

A hora, que é agora,
me priva a realidade que
por vezes se achega e demora.
No que me escondo aos
jardins de minhas letras;
ágora eterna onde à pena,
calma se penhora, todo peito recosto,
conforta cansada alma rubra,
cora até a última chamada,
reclame da finda hora.
Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2014.

POENAUTICAE

I

Porque na travessia de lúgubre vivência,
escolhi-te no tempo da minha colheita.
A boa messe qu'aos matalotes
transborda vindima de fruto fás
de feição perfeita.
Qu'ao lábio em toque mordente,
hispa-me cálido ao sumo latente de
essência perene, espadana dos sentidos,
em jactância plena e satisfeita.

II

Pois ao peito posto à prova contra
nefasto az, desvalijada falange e
enxerido satanáz, arriou desafiado alfanje
de boto fio enrijado, de pugna falda
ris embotado, venceu as cadeias, matou
a archote o mais sáfio condenado.

III

Pois é teu corpo, atoleimado etopeu,
batel de tua própria aventura,
onde ao arrítmico cárdice pulsante

faz-se de bojo, calabro e cavername.
No mais bravio de tuas instadas,
ao temor de vis escumas em pulcra,
prova contra teu equânime semblante,
arregimentando miríades em clavígeros,
vélites e armígeros de viciosa estamenha
depauperante, a cercear-lhe as praias
a teu intento recôndito de aportar
vossos pés no firme, seja por um instante.
A fim de cumprir teu caminho
à ária escrita sob o mantéu protetor
de vossa espalda atlante.
E voltar ao colo da amada,
cura de pesado fero, ergástulo febril
à tua forma delirante de acudir ao mundo
desvalido de brônzeo besante, mas no ousio
de ofício áureo de vero estro lavrante,
em alcançar o único sorriso que te fez um dia
vivente e anunciou-te: és importante!
Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2014.

EXILIUM

I
O roubo de sua mortal pessoa,
um extravio de tua alma,
qual pior dor que o rasgo de
tuas carnes, senão o lamento que
aos ossos às estilhas ressoa?

II
Toda lide lh'é o deserto de tuas esperanças.
Todo libelo, o cálice de tuas vaidades,
arrestando do suor em cruor pesado
à testa franzida de antigas mocidades
daquele que sofregou nas mentiras,
guião tórpido servil de infiéis verdades,
esconso desvairado de uma insensata
lucidez em cantos de girolas sem
juramentos ou sinceridades.

III
Em quais caudinas deixaste teus arreios,
encilhado cavaleiro?
Pois teu armorial range o descompasso
de turvas batalhas, de cinzel memorial
em desleixo fadigado e embusteiro.

Na modorra de teus braços a lança
de tuas conquistas quedou-se resigno
aos ofícios de passarinheiro.

IV
Por isso, cessa-te poltrão de tua
casta passada, terra insepulta que
aos lírios não vingou, ao carvalho
enfraqueceu e tuas rosas por vezes
murchou no vazio à porta onde
em teus sonhos, em lassidão,
vil Azazel condenou.

V
Pois o que tens por contos são extravios
de tua vontade alheia, um agro licor,
ardor qu'ao peito incude arfante adejou.
Que sobre honrada faina ao recostar
sutil lene do socorro uno que te possui a vida,
não vos é aia valdevina, nem tão pouco
aos risos de saga vil lhe desarmou.
Mas requesta companheira alfaiada,
que te livra das amarras do velho cortejo
onde a marca em tua carne nunca dissipou.
No que tua alma, eterna peleja, o teu intento

em aranzel contumaz se acovardou.

VI
No que te admoestas se tudo que tem jeito,
talvez por si seja consertado?
Se toda guerra ao homem é dada
sob a desculpa de proteger-lhe
a paz de infortúnio revelado?
No que te imprecas se pouco
se anela a pujança, senão a própria
cúpida vontade de se lançar ao mal de herança
no pior que nos foi relegado?

VII
Por fim, artífice, descansa-te
do mundo onde criaste.
Mas não esqueçais o que recitaste:
a poesia é um jardim de letras,
onde sempre tu deleitaste dos sentimentos,
dádiva policarpa enquanto há zelo de tudo que anelaste.
Rio de Janeiro, 05 de janeiro de 2015.

A graça e o intelecto devem andar juntas, pois, separadas, a graça desgraça e o intelecto enfadonha.

Marcos Davi Duarte da Cunha
Ut Habere Sapientia Pro Omnes

JD&EG PUBLICAÇÕES
Incautas e Trovas - Sonhos d'um Artífice de Letras, acaba de ser composto em corpo xx, e impresso em papel Polen Bold 90g/m², capa papel Cartão 250g. Na gráfica xxxxxxx.
Rio de Janeiro, Brasil.
Setembro, 2015.